

RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO TEXTO: O PAPEL DAS ESCOLHAS LEXICAIS

Alexandro Teixeira Gomes

Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Currais Novos-RN, Brasil

RESUMO: O presente artigo tem por escopo analisar os efeitos de sentido decorrentes das escolhas lexicais na orientação argumentativa do texto e na (não) assunção da responsabilidade enunciativa. Do ponto de vista teórico, ancoramo-nos, sobretudo, em Adam (2011), Antunes (2012) e Gomes (2016). Do ponto de vista metodológico, analisamos um *corpus* constituído pelos títulos de duas notícias que foram publicadas na página 6 da edição do jornal *O Estado de São Paulo* do dia 7 de novembro de 2015, referentes ao suposto recebimento ilícito de repasses da empreiteira Odebrecht por parte dos ex-presidentes Lula e FHC. A análise nos permite considerar que as escolhas lexicais do locutor revelam um engajamento com o dizer e influenciam a orientação argumentativa em relação aos dois objetos de discurso em foco, quais sejam, Lula e FHC. Nesse sentido, parece-nos muito claro que as escolhas lexicais são elementos extremamente importantes para as dimensões enunciativa e argumentativa dos textos e dos discursos presentes nas diversas situações de interação e materializados nos diversos gêneros textuais/discursivos.

PALAVRAS-CHAVE: Responsabilidade enunciativa. Orientação argumentativa. Escolhas lexicais.

ABSTRACT: The present article aims to analyze the effects of meaning stemming from lexical choices in the argumentative orientation of the text and in the (non)assumption of the enunciative commitment. Our theoretical perspective is based on, above all, the works of Adam (2011), Antunes (2012) and Gomes (2016). From the methodological point of view, we analyze a corpus comprised of the titles of two news articles that were published on page 6 of the *O Estado de São Paulo* newspaper on November 7th, 2015, referring to the supposed illicit receipt of kickbacks from the Odebrecht enterprise, on the part of ex-presidents Lula and Fernando Henrique Cardoso (FHC). The analysis points to the consideration that the lexical choices of the speaker reveal an engagement with the speech and influences the argumentative orientation in relation to the two objects of discourse in question, which are, Lula and FHC. In this sense, it seems very clear to us that the lexical choices are extremely important elements for the enunciative and argumentative dimensions of the texts and of the discourses present in the diverse situations of interaction and materialized in the diverse textual/discursive genres.

KEYWORDS: Enunciative commitment. Argumentative orientation. Lexical choices.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar os efeitos de sentido decorrentes das escolhas lexicais na orientação argumentativa do texto e na (não) assunção da responsabilidade enunciativa. Partimos, pois, do pressuposto de que produzir um texto é construir uma unidade de sentido e de

intenção e não apenas juntar palavras. Nossa ancoragem teórica se pauta na Análise Textual dos Discursos, buscando explicar o discurso a partir dos elementos textuais.

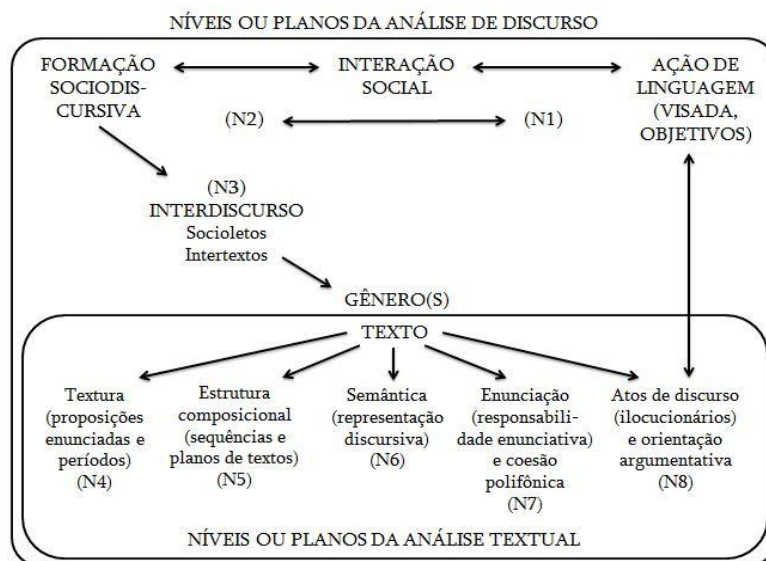
Entendemos que nossa investigação ganha relevo acadêmico ao buscarmos pensar e refletir sobre os efeitos de sentido decorrentes das escolhas lexicais, pois defendemos que elas não são neutras, apontam para o leitor sobre o engajamento do locutor pelo dito e regulam os propósitos argumentativos presentes no interior dos enunciados.

Do ponto de vista de sua estrutura, este artigo traz duas seções teóricas e uma seção de análise dos dados, além dos elementos pré e pós-textuais. Na primeira seção teórica, buscamos apresentar alguns dos pressupostos básicos da Análise Textual dos Discursos (ATD), enquanto na segunda visamos discutir a relação entre responsabilidade enunciativa, orientação argumentativa e unidades lexicais.

A ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS

A Análise Textual dos Discursos é proposta por Adam (2011) como um procedimento teórico e metodológico “da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos” (ADAM, 2011, p. 23) e que objetiva “pensar o texto e o discurso em novas categorias” (ADAM, 2011, p. 24) a partir de determinados níveis ou planos de análise, conforme nos mostra a Figura 01:

Figura 01- Esquema 4 - Níveis da análise de discurso e níveis da análise textual



Fonte: Adam (2011, p. 61).

Com base no esquema 04 de Adam (2011), podemos considerar que todo discurso apresenta um objetivo, uma ação de linguagem, uma intencionalidade manifestos no (N1), que se desenvolvem em um processo de interação social (N2) situada em determinada formação discursiva (N3) no uso específico da língua. O texto, por sua vez, possui uma linearidade, um encadeamento a partir das proposições enunciadas (N4) que podem ser analisadas no nível semântico (N6), no nível enunciativo (N7) e/ou no nível argumentativo (N8) e que formarão as sequências ou planos de texto no nível composicional (N5).

No intuito de dar coerência e sustentabilidade teórico-metodológica à Análise Textual dos Discursos, Adam (2011) propõe uma “unidade textual de base, efetivamente realizada e produzida por um ato de enunciação” (ADAM, 2011, p. 106), isto é, uma unidade mínima de sentido chamada proposição-enunciado, que, segundo o autor, permite dar conta de uma porção de texto mais definida. A proposição-enunciado “se trata de uma microunidade sintática e de uma microunidade de sentido” (ADAM, 2012, p. 194 *apud* GOMES, 2016, p. 29).

Enquanto microunidade sintática, a proposição-enunciado é constituída por unidades lexicais, por meio da predicação, e pode ser entendida como condição de ligação dos elementos composicionais do plano de texto, ou seja, como elementos efetivos da composição textual. Importante destacar que “essa condição de ligação [...] é, em grande parte, determinada pela orientação argumentativa do enunciado” (ADAM, 2012, p. 194 *apud* GOMES, 2016, p. 29).

Adam (2012) ressalta que a proposição-enunciado é constituída por três dimensões complementares, quais sejam:

uma **dimensão enunciativa** [B-N7] que se encarrega da representação construída verbalmente de um **conteúdo referencial** [A-N6] e lhe dá uma certa **potencialidade** argumentativa que lhe confere uma **força** ou **valor ilocucionário** mais ou menos identificável [C-N8]. (ADAM, 2012, p. 194-195 *apud* GOMES, 2016, p. 29).

A dimensão enunciativa se ancora na noção de responsabilidade enunciativa, enquanto a dimensão referencial se ancora na noção de representação discursiva, e a dimensão argumentativa se ancora na noção de orientação argumentativa (ADAM, 2011, 2012).

Dos elementos apresentados no esquema 04, interessa-nos, de modo particular para lograr êxito neste trabalho, a discussão sobre os níveis N4, N7 e N8. Na próxima seção,

buscamos mostrar como essas grandezas se articulam e ganham sentido na construção deste trabalho.

RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA, ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA E UNIDADES LEXICAIS

O nível N7 de Adam (2011) se refere ao nível enunciativo baseado na noção de responsabilidade enunciativa, entendida como o fenômeno que permite aferir o grau de engajamento do locutor-narrador em um ato de enunciação (ADAM, 2011). Desse modo, é possível observar se o locutor-narrador assume a responsabilidade sobre o que foi dito ou opta por manter um distanciamento enunciativo e atribui o enunciado a outras instâncias enunciativas.

Adam (2011) considera que há um grande número de unidades da língua que marca o grau de responsabilidade enunciativa, a exemplo das modalidades, que se subdividem em outro grande número de unidades, entre as quais destacamos os lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos. Essas unidades lexicais, intrinsecamente subjetivas nos dizeres de Kerbrat-Orecchioni (2006) e “‘meio verbal’ de exteriorização dos sentidos” (ANTUNES, 2012, p. 22), projetam a imagem do locutor e podem revelar sua opção por engajar-se ou não pelo conteúdo proposicional dos enunciados, motivo pelo qual articulamos, nesta investigação, responsabilidade enunciativa e unidades lexicais.

Dessa maneira, os lexemas, ou unidades lexicais nas palavras de Antunes (2012), uma das autoras que estuda o léxico do ponto de vista textual-discursivo, são “unidades cujo significado remete às coisas, aos fenômenos do mundo da experiência, do mundo extralinguístico, a seus modos de existir, a suas propriedades e manifestações” (ANTUNES, 2012, p. 32).

Por isso é preciso estudar o “léxico como elemento da composição do texto, em suas funções de criar e sinalizar a expressão dos sentidos e intenções, os nexos de coesão, as pistas da coerência, pois as palavras de uma língua não são meros rótulos das coisas” (ANTUNES, 2012, p. 24). Com essa concepção, “o léxico de uma língua não se resume a uma lista – transparente e precisa – de palavras com que se dá nome a essas coisas” (ANTUNES, 2012, p. 30), o léxico de uma língua, portanto, “é um componente de muitas faces” (KRIEGER, 2006, p. 160).

No âmbito do estudo do léxico, não podemos deixar de comentar duas questões de extrema importância para esta pesquisa: a pressuposição e a inferência. Antunes (2012) diz que as duas questões são complexas, ligadas tanto à semântica lexical, quanto à semântica pragmática, que envolvem a possibilidade de se deixar implícito algo do que se tem a dizer, ou seja, de se dizer mais do que consta na materialidade das palavras ditas ou escritas. Isso faz com que nossas escolhas lexicais não sejam neutras, mas carregadas de intenções e com propósitos argumentativos muito definidos, motivo pelo qual articulamos unidades lexicais e orientação argumentativa dos enunciados. Assim,

Pensar ‘nos efeitos decorrentes da escolha das palavras’ é reconhecer que, em um texto, uma palavra expressa mais que um sentido; ela serve também à expressão de uma intenção, de um propósito (às vezes, mais de um!), em função do que determinadas palavras (e não outras) são particularmente escolhidas. (ANTUNES, 2012, p.43).

As palavras de Antunes (2012), em conformidade com o que ressalta Adam (2011, p. 122), ao defender que “todo enunciado possui um valor argumentativo”, reforçam nosso entendimento de que os propósitos argumentativos interferem nas escolhas lexicais, isto é, a escolha das palavras se pauta pelos efeitos de sentido que o locutor deseja construir e pelos propósitos argumentativos que ele busca criar na orientação argumentativa do enunciado.

Frente ao exposto, fica perceptível a associação das três grandezas presentes nessa investigação: as escolhas lexicais podem revelar a opção do locutor por engajar-se ou não pelo conteúdo proposicional dos enunciados ao mesmo tempo que orientam argumentativamente esse conteúdo proposicional. Do mesmo modo, a opção por assumir ou não a responsabilidade enunciativa marca uma orientação argumentativa e essa orientação argumentativa é constitutiva tanto das escolhas lexicais, quanto do (não) engajamento pelo dito. Em outras palavras, “toda expressão linguística é argumentativa e enunciativamente marcada” (ADAM, 1990, p.39).

É com esse olhar que partimos, pois, para a análise dos dados na próxima seção.

RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DO TEXTO: O PAPEL DAS ESCOLHAS LEXICAIS

As duas notícias, cujos títulos estamos analisando nesta investigação, foram publicadas na página 6 da edição do jornal *O Estado de São Paulo* do dia 7 de novembro de 2015. Vejamos a Figura 2, a seguir.

Figura 2



Fonte: *O Estado de São Paulo*, 07/11/2015.

A análise dos dados nos permite levantar alguns questionamentos, os quais passamos a apresentar.

Iniciemos por tratar dos sujeitos dos dois títulos. Ao observarmos os sujeitos dos dois títulos, percebemos que o primeiro traz um sujeito com traço mais físico, mais real, mais humano em contraposição ao sujeito da segunda notícia, que se configura por ser uma entidade abstrata, conforme Figura 3, a seguir.

Figura 3

Lu a recebeu quase
R\$ 4 milhões da
Odebrecht, diz PF

Empreiteira doou R\$ 975 mil a Instituto FHC, aponta laudo

Fonte: *O Estado de São Paulo*, 07/11/2015.

No primeiro caso, o autor do texto escolhe o substantivo concreto “Lula” como sujeito do enunciado, enquanto no segundo caso o autor prefere o uso de uma abstração ao falar da “empreiteira” como sujeito do enunciado, embora os dois títulos estejam tratando de dois casos de pessoas acusadas de recebimento ilícito. E aqui chamamos a atenção para o fato de essas pessoas possuírem os mesmos atributos: ex-presidentes da República Federativa do Brasil. Tal estratégia do autor do texto deixa claro que a escolha lexical possui uma forte orientação argumentativa de criminalizar o ex-presidente Lula ao topicalizar seu nome, enquanto suaviza a denúncia contra o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, marcando-o como rema na estrutura textual.

Outro fato que nos chamou a atenção se refere aos verbos que introduzem os predicados dos dois títulos.

Figura 4

Lu **a** recebeu quase
R\$ 4 milhões da
Odebrecht, diz PF

Empreiteira **do**ou R\$ 975 mil a Instituto FHC, aponta laudo

Fonte: *O Estado de São Paulo*, 07/11/2015.

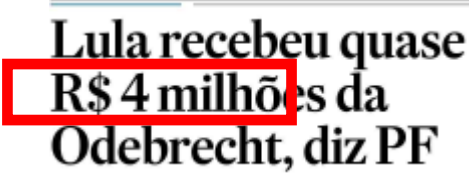
Ambos são verbos de ação, mas não indicam a mesma orientação argumentativa. Na primeira chamada, temos um matiz semântico que leva o leitor a compreender que Lula se

envolve na ação, em uma atitude mais ou menos intencional, pois ele “recebeu”, enquanto a tônica da ação verbal da segunda manchete recai sobre a empreiteira que doou, isto é, não há nenhum elemento lexical que remita a ação verbal a FHC, como remete a Lula.

A escolha do sujeito e dos verbos, podemos dizer, não são escolhas aleatórias e constroem a representação discursiva (Adam, 2011) de um sujeito envolvido com a ação de recebimentos ilegais de dinheiro no caso do ex-presidente Lula. Com isso, podemos dizer ainda que os verbos “recebeu e doou” se referem ao sujeitos sintáticos, mas não aos objetos de discurso foco das ações dos dois títulos. O enunciado “Recebeu da Odebrecht” é diferente do enunciado “Doou a Instituto FHC” não apenas nos planos sintático e semântico, mas também discursivo. No primeiro caso, a referência é a uma pessoa que se envolve de maneira intencional, no segundo, a referência é a uma instituição, que, pelo seu caráter mais abstrato, pode ser considerada como envolvida na ação sem possibilidade de optar.

Um terceiro fato que nos chama a atenção se refere à escolha dos numerais utilizados para quantificar o valor envolvido nas denúncias. A palavra “milhão”, obviamente, possui uma carga semântica muito mais forte no imaginário popular do que a palavra “mil”.

Figura 5



**Lula recebeu quase
R\$ 4 milhões da
Odebrecht, diz PF**



Empreiteira doou R\$ 975 mil a Instituto FHC, aponta laudo

Fonte: *O Estado de São Paulo*, 07/11/2015.

É possível perceber que, nos dois títulos, os valores não são fechados. No primeiro, o valor gira em torno de quatro milhões, enquanto no segundo o valor gira em torno de um milhão. Nesse sentido, o autor do texto, uma vez que ele arredondou os valores referentes ao ex-presidente Lula, também poderia ter arredondado os valores referentes ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e aí teríamos os vocábulos “quase quatro milhões” e “quase um milhão”, que, embora apresentem significativa diferença do ponto de vista da quantidade, não induziria

o imaginário do leitor a achar que o primeiro envolvido recebeu muito dinheiro, enquanto o segundo envolvido recebeu pouquíssimo dinheiro, haja vista que a referência destaca uma oposição entre mil e milhão. Assim, entendemos que a escolha do numeral é enunciativa e argumentativamente significativa e marca um locutor que não está totalmente ausente da enunciação, fato que contraria o que a literatura especializada preconiza para o gênero notícia, conforme destaca Faria (2001).

Também nos chama a atenção o uso do vocábulo ODEBRECHT no primeiro título e do vocábulo EMPREITERA no segundo.

Figura 6

**Lula recebeu quase
R\$ 4 milhões da
Odebrecht, diz PF**

Empreiteira doou R\$ 975 mil a Instituto FHC, aponta laudo

Fonte: *O Estado de São Paulo*, 07/11/2015.

O primeiro caso, marcado gramaticalmente por um substantivo próprio, com traços mais concreto, tem um sentido expressivamente mais real no imaginário popular, enquanto o segundo caso, marcado gramaticalmente por um substantivo comum, caracteriza-se por ser significativamente mais abstrato pois se trata de uma entidade com traços bem mais gerais.

Outro elemento que merece que ser comentado se refere ao uso dos verbos indicadores da (não) assunção da responsabilidade enunciativa, “dizer” e “apontar”, em “diz PF” e “aponta laudo”.

Figura 7

**Lula recebeu quase
R\$ 4 milhões da
Odebrecht, diz PF**

Empreiteira doou R\$ 975 mil a Instituto FHC, aponta laudo

Fonte: *O Estado de São Paulo*, 07/11/2015.

No primeiro caso, ao trazer a voz da Polícia Federal, uma instituição séria e respeitada pelos brasileiros, por meio de um verbo *dicendi*, o locutor corrobora para que não restem dúvidas, por parte do leitor, de que as acusações são fundamentadas, logo, verdadeiras. Já no segundo caso, o locutor utiliza um verbo (“apontar”) com uma carga semântica bem mais fraca que o verbo utilizado no primeiro enunciado (“dizer”) que se refere à ação de um documento geral, o laudo, que pode inclusive ser contestado por não manifestar o autor do referido documento. Nesse sentido, podemos considerar que a Polícia Federal é uma instituição que credibiliza o dizer, enquanto no segundo caso, temos um texto que aparece sem autor, fragilizando, assim, sua veracidade.

Poderíamos analisar, outrossim, a própria notícia e suas propriedades tipográficas e/ou multimodais, como a forma, o tamanho, o lugar dos enunciados no espaço gráfico, entre outras, mas isso fica para um outro momento da investigação, uma vez que extrapola os objetivos deste artigo.

Frente ao exposto e parafraseando uma análise feita por Adam (2012), podemos dizer que em um texto nós encontramos sempre duas escolhas, dois engajamentos, duas mentalidades, dois imaginários. Encontramos atos de discurso engajantes, nos dizeres de Adam (2012), por meio dos quais o enunciador se engaja em fazer esta ou aquela escolha. Pensamento semelhante é o de Antunes (2012, p. 43), para quem:

pensar ‘nos efeitos decorrentes da escolha das palavras’ é reconhecer que, em um texto, uma palavra expressa mais que um sentido; ela serve também à expressão de uma intenção, de um propósito (às vezes, mais de um!), em função do que determinadas palavras (e não outras) são particularmente escolhidas. [...] Todo ato de linguagem é, em alguma medida, um modo de agir, no sentido de que pretende

alcançar certo efeito prático. A escolha dessa ou daquela palavra está na dependência de se conseguir esses efeitos. (ANTUNES, 2012, p. 43).

PALAVRAS EM ABERTO

Esta investigação teve por objetivo refletir sobre o papel das escolhas lexicais na construção da responsabilidade enunciativa e na orientação argumentativa do texto.

A partir da análise do *corpus* desta pesquisa, pudemos observar como as escolhas lexicais revelam um locutor totalmente engajado com o dizer e com uma clara orientação argumentativa em relação aos dois objetos de discurso em foco, quais sejam, Lula e FHC.

Em relação à orientação argumentativa presente nos enunciados, parece-nos que o locutor busca criar representações discursivas de Lula como envolvido no processo, logo, como corrupto, enquanto FHC é representado discursivamente de maneira mais tênue a partir de um conteúdo referencial que o coloca como receptor das ações predicativas, logo, não necessariamente envolvido no processo de corrupção.

A modo de conclusão, parece-nos muito claro que as escolhas lexicais são elementos extremamente importantes para as dimensões enunciativa, referencial e argumentativa dos textos e dos discursos que circulam nas práticas languageiras presentes nas diversas situações de interação materializadas nos diferentes gêneros textuais/discursivos.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. **Éléments de linguistique textuelle**: théorie et pratique de l'analyse textuelle. Liège: Mardaga, 1990.

ADAM, J.-M. **A linguística textual**: uma introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J.-M. Analyse Textuelle Des Discours: niveaux ou plan d'analyse. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, v. 2, n. 14, p. 190-201, 2012.

ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

FARIA, M. A. **O jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

GOMES, A. T. **A responsabilidade enunciativa na sentença judicial condenatória**: uma análise textual-discursiva. Saarbrücken, Deutschland: OmniScriptum, 2016.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation**: de la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin, 2006.

KRIEGER, M. da G. **Lexicografia**: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. da C. (org.) O léxico em estudo. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 157-171.